

CLIPPING

06 de Novembro de 2018
O Liberal – Magazine, 2

Artistas próximos do público

Arte Pará 2018 realiza a quarta ação educativa no Museu da UFPA

ELIUNDO/PAMPIONIA/OJ LIBERAL

O Arte Pará 2018 levou o artista visual paraense Armando Queiroz e o videomaker mineiro Marcelo Rodrigues para o Encontro com o Artista, no Museu da Universidade Federal do Pará (UFPA), ontem à noite, em um bate-papo direto com o público sob a mediação da artista visual Elaine Arruda, doutoranda em Artes pela Universidade de São Paulo (USP). A mostra deste ano exibe diariamente no núcleo do Museu Emílio Goeldi o vídeo arte “Ymá Nhandehetama” (que significa “Antigamente fomos muitos”), produzido por eles, em 2009, que apresenta o indígena de origem guarany, ativista e professor universitário, Almiros Martins, em um depoimento impactante da vivência do “ser indígena” no Brasil.

“Esse é um trabalho colaborativo, que trata de questões indígenas sob a ótica especial do Almiros. O vídeo tem uma força muito grande porque ele conta a própria história e faz uma reflexão sobre a condição de invisibilidade dos povos indígenas no Brasil. O depoimento dialoga fortemente com que a gente espera de um vídeo experimental. Espero (com esse trabalho) dar uma contribuição sobre a causa indígena. O vídeo tem circulado por muitas mostras em muitos países. É antigo, mas tristemente continua atu-

al”, descreve Armando Queiroz. O vídeo foi selecionado ao Arte Pará pelo curador Paulo Herkenhoff.

O vídeo mostra o rosto do indígena iluminado por uma luz lilás entre a escuridão. Em um trecho do depoimento, ele diz: “Ele (índio) perde a voz, o foco, a imagem, ele some, desaparece. Ele volta novamente quando tem o conflito, quando a mídia procura a notícia para vender jornal, mostra o índio morto, bêbado, preguiçoso como se vê em todos os livros, o índio que tem muita terra. Esse aparece. E aquele índio como ser humano, que

tem direitos, esse desaparece, sempre desapareceu. Ele vai sumindo aos poucos. Dizem que nós vivemos a Era do Direito, que o Brasil é um Estado Democrático de Direito, mas (...) para o indígena esse estado não existe. A nossa história sempre foi escrita com muito sofrimento, com muita dor e sangue, no passado e no presente. Ainda se mata muito índio nas aldeias que existem pelas florestas, esses não existem para o mundo, para o direito e nem para as pessoas, é um índio invisível.” Ao final do vídeo, Almiros cobre o rosto com uma tinta negra

que o torna invisível no escuro.

Desde o início dos anos 90, ele tem desenvolvido um trabalho artístico sobre a realidade amazônica, usando instalação, vídeo, fotografia, texto, objetos e esculturas como suporte. Ele é belenense, mas, hoje, vive entre Belo Horizonte e a capital paraense, e, atualmente, cursa doutorado em Artes Visuais na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e desenvolve pesquisas como bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), do Ministério da Educação.

Essa foi a quarta ação educativa do Arte Pará 2018. A curadora de educação do salão, Vânia Leal, que a conferência do artista é um espaço de aproximação com o público e de apresentação do trabalho dele. “Na arte contemporânea é muito importante conhecer o processo criativo do artista, a mensagem a ser transmitida. A arte exige também pesquisa e construção. O artista fala, isso vem à tona e gera discussão. Quanto mais aproximar o artista do público, mais vai se dar o processo de leitura e compreensão do trabalho dele”, descreve.